

**ESCRITA DOS CORPOS E CORPO DA ESCRITA: UMA LEITURA  
ECOFEMINISTA DE *IMAGINAR O POETIZADO*, DE SÓNIA  
SULTUANE**

\*\*\*

**WRITING FROM THE BODIES AND BODY OF WRITING: AN  
ECOFEMINIST READING TO *IMAGINAR O POETIZADO*, BY  
SÓNIA SULTUANE**

Joranaide Alves Ramos<sup>1</sup>

Savio Roberto Fonseca de Freitas<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 23/04/2021

**Data de aceite:** 19/05/2021

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a erotização dos corpos femininos em *Imaginar o poetizado* (2006), de Sónia Sultuane (1971), à luz da crítica feminista, com especial atenção às relações entre literatura e meio ambiente, mostrando que a referida escritora constrói uma voz poética ecofeminista voltada para representações da natureza no sentido de propagar um humanitarismo no feminino atento às relações ecológicas, necessárias para um mundo equânime. Para tanto, desenvolvemos um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, fundamentado, entre outros, em Brandão (2003), Freitas (2019), Guatuarri (2012), Soares (2005), Mies e Shiva (1993). Identificamos escrita e corpos femininos erotizados que alteram representações tradicionais requeridas pelas sociedades falocêntricas, como a moçambicana, embora, sejam algumas inscrições essencialistas, fato que comprova que os sistemas que oprimem as mulheres, sua subjetividade e sua sociabilidade estão, ainda, muito arraigados e continuam aprisionando mulheres, das mais diversas formas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpos femininos. Ecofeminismo. *Imaginar o poetizado*. Sónia Sultuane.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze the eroticization of female bodies in Sónia Sultuane's (1971) *Imaginar o Poetizado* (2006), in the light of feminist criticism, with special attention to the relationship between literature and the environment, showing that the aforementioned writer builds a ecofeminist poetic voice turned to representations of nature in order to propagate a humanitarianism in the feminine, attentive to ecological relations, necessary for an equanimous world. Therefore, we developed an exploratory, bibliographical and qualitative study, based, among others, on Brandão (2003), Freitas (2019), Guatuarri (2012), Soares (2005), Mies and Shiva (1993). We identified writing and eroticized female bodies that alter traditional representations required by phallogocentric societies, such as the Mozambican one, although they are some essentialist inscriptions, a fact that proves that the systems that oppress women, their subjectivity and their sociability are still very ingrained and continue imprisoning women, in the most diverse ways.

**KEYWORDS:** Female bodies. Ecofeminism. *Imaginar o Poetizado*. Sonia Sultuane.

1 Doutoranda em Letras – PPGL (UFPB); Mestra em Estudos Literários – PPGL (UFAL); Docente do Centro Universitário do Rio São Francisco – UniRios; Docente substituta do IFBA, Campus Paulo Afonso. joranaide.alvesramos@gmail.com

2 Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras do CCHLA-UFPB (Campus I). Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

## Considerações iniciais

O objetivo desta pesquisa é analisar a poesia de Sónia Sultuane (1971), nascida em Maputo, quando Moçambique, na África, ainda era colônia de Portugal, à luz da crítica feminista, com especial atenção às relações entre literatura e meio ambiente, mostrando que a referida escritora constrói uma voz poética ecofeminista e, sugerindo, por meio da discussão sobre a recriação artística dos corpos femininos, trazer para os estudos literários a consciência ecológica – no espaço de resistência e de denúncia que a literatura oferece – que decolonize a concepção essencialista e universalista de gênero, basilar nas sociedades patriarcais.

Consideramos, pois, os poemas “Africana”, “Beijo negro”, “Nogat”, “Cravado” e “Tive medo”, de *Imaginar o poetizado* (2009), a fim de refletimos sobre como a autoria feminina e a inscrição de corpos femininos – ainda que, às vezes, sob a ótica essencialista – contribuem para a ressingularização e valorização da subjetividade feminina, ressignificando todas as nossas relações, como prega o ecofeminismo.

Foi necessário, pois, desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, fundamentado nas contribuições teóricas de Freitas, em *Sob o comando de uma lua submissa: A poesia moçambicana de Sónia Sultuane* (2019); Brandão, em *Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas* (2003); Silveira, em *Ficção curta de autoria feminina paraibana: Análise da casa, do corpo e do patriarcado em Quatro Luas* (2020); Guattari, em *As três ecologias* (2012); Xavier, em *Que corpo é esse? O corpo feminino no imaginário feminino* (2007), Soares, em *Poesia e erotismo: uma leitura ecofeminista* (2005), Mies e Shiva, em *Ecofeminismo* (1993), entre outros.

## Re-tecimentos<sup>3</sup> do ecofeminismo

O poema “Africana”, de *Imaginar o poetizado* (2006, p. 15), diz muito sobre mulheres africanas e permite, entre outras, nossa reflexão sobre identidade

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Izabel Brandão, em *Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas* (2003), ao apontar para a possibilidade e necessidade de revisão de termos tradicionalmente utilizados, tais como natureza, mulheres e seres humanos e suas relações com o todo, como propõe o Ecofeminismo.

feminina que é e vive em harmonia com a diversidade, seja ela de gênero, de raça, de classe, de cultura, de língua, como vemos a seguir:

### **Africana**

dizes que me querias sentir africana,  
dizes e pensas que não o sou,  
só porque não uso capulana,  
porque não falo changana,  
porque não uso missiri nem missangas,  
deixa-me rir...  
mas quem é que te disse?!  
Só porque ando de “Levis, Gucci ou Diesel”,  
não o sou... será?  
Será que o meu sentir passa pela indumentária?  
Ou que o serei  
pelo sangue que me corre nas veias,  
negro, árabe, indiano, essa mistura exótica,  
que me faz filha de um continente em tantos  
onde todos se misturam,  
e que me trazem esta profundidade,  
mais forte que a indumentária ou a fala,  
e sabes porquê?  
Porque visto, falo, respiro, sinto e cheiro a África,  
afinal o que é que tu saberás? O que é que tu sabes?  
Deixa-me rir...  
deixa-me rir...

A grande questão é que, muitas vezes, as mulheres africanas são naturalmente definidas pela ótica do observador que se for eurocêntrica, a do colonizador ou mesmo africana, mas constituída por valores colonizadores, uniformiza as mulheres, coletiviza e não vai além dos supostos “papéis femininos”, nomeadamente familiares e econômicos, sem maior autoridade ou

poder político, centrando a visibilidade dessas mulheres em sua aparência e no seu comportamento, definidos como africanos. Essa visão simplificadora nos diz pouco sobre os modos de ser e de estar dessas mulheres, pois, a priori, essas observações, fundamentadas pelo tripé moderno capitalismo-colonialismo-patriarcado, são negativas em relação às mulheres europeias e desconsideram as resistências femininas.

A voz poemática feminina de “Africana” ironiza e ri da ideia que ignora diferenças e pluralidades e singulariza as mulheres, nesse caso, africanas. Para tanto, traz à tona marcas da cultura daquele Continente, como a indumentária capulana, a língua changana, o adereço missiri e questiona se o fato de não aderí-las, ao passo que anda de “Levis, Gucci ou Diesel”, faz dela diferente, uma vez que o “sangue que me corre nas veias, / negro, árabe, indiano, essa mistura exótica / que me faz filha de um continente em tantos / onde todos se misturam”. Sua africanidade vai além dos estereótipos “porque visto, falo, respiro, sinto e cheiro a África”.

Além de refletir sobre tais pontos, é importante destacar o lugar de fala da voz do poema, ocupado em muitas circunstâncias, por homens. Fundamentadas em discursos essencialistas, muitas sociedades impuseram às mulheres o trabalho reprodutivo, afetivo e o cuidado do lar, negando-lhes espaços públicos e de tomadas de decisões, e quaisquer comportamentos diferentes são rejeitados; por isso, muitas mulheres são caçadas e violentadas das mais diversas formas.

As mulheres foram e ainda são colonizadas para o silêncio e para a subserviência em muitas partes do mundo, o que inclui a África. Sónia Sultuane, autora de *Imaginar o poetizado*, é moçambicana e, certamente, é atravessada por valores patriarcais e androcêntricos que deram a condição necessária para transformar a sua vivência e suas experiências em uma poesia que questiona a condição das mulheres em sua sociedade e, em alguma medida, nos permite refletir sobre espaços não-ocupados por mulheres em outras Nações, como a nossa, embora, algumas vezes, poetize fundamentada por critérios essencialistas. Este espaço duramente conquistado revela as cruzadas que se armam a todo o momento contra os direitos das minorias, em especial, neste caso, das mulheres e contra os movimentos feministas.

Estas questões decorrem das dificuldades que os seres humanos

sempre tiveram para criar e manter relações saudáveis consigo, com outrem, com a Natureza. Atualmente, estas conexões estão ainda mais fragilizadas em consequência das buscas desenfreadas pelo poder e pelo acúmulo de riquezas, tensão acentuada pelas desigualdades de direitos e de deveres. A crise sanitária que assola o mundo evidenciou tais problemas ao tempo que isolou e oprimiu os grupos excêntricos, em especial, as mulheres que, historicamente, já são marginalizadas, principalmente, aquelas que não correspondem ao chamado feminino hegemônico.

O tripé mencionado engendra exploração de classe, de raça e de gênero, fortalecendo o ideário de que as mulheres são objetos que precisam ser controlados e explorados, colocando-se a serviço de tudo e de todos; a vida feminina é coisificada e as mulheres precisam ser vigilantes de si mesmas e, de algum modo, submeter-se a discursos normativos.

Por consequência, as outras formas de vida têm sido irresponsavelmente utilizadas, mormente, porque os seres humanos não se consideram Natureza. Vale dizer que enfatizamos as dominações exercidas sobre as mulheres e sobre a Natureza, não por estarem, supostamente, mais próximas entre si, mas pelas construções sociais que, não raro, sobrepõem masculino e cultura, em detrimento daquelas, ao passo que as constroem socialmente.

Dispondo-se a refletir e a “re-tecer” (BRANDÃO, 2003) estas relações, alguns movimentos, como os ecológicos e os feministas questionam as ordens capitalista, colonial e patriarcal e os seus discursos reguladores, opondo-se a todas as formas de dominação e de violência. Esta relação entre ecologia e feminismos é o que chamamos de Ecofeminismo que, por sua vez, propõe a luta pelos direitos das mulheres e a restauração dos ecossistemas que sustentam a vida, atentando-se e discutindo, ética e politicamente, sobre todas as formas de dominação.

Segundo Mies e Shiva (1993), o ecofeminismo é um movimento com uma identidade feminina que desempenha uma tarefa importante nesses tempos difíceis, marcados pela mentalidade machista que nega o direito à mulher ao próprio corpo e a sua sexualidade e pela devastação do Planeta e dos seus habitantes.

A teoria ecofeminista embasa nossa discussão por questionarmos a condição das mulheres, não raro, vigiadas, caçadas e punidas, na vida real; na

ficção, ainda são – embora esse cenário tenha mudado –, também, controladas, alienadas e retratadas por terceiros, pela ótica masculina, que invisibiliza mulheres e o feminino. Em contrapartida, quando mulheres se propõem a escrever, prontamente inscrevem sua existência, bem como, de seus pares, desbancando valores patriarcais e machistas, [re]singularizando as experiências, subjetividades e socialidade humanas, que nos remete aos registros ecológicos guattarianos.

Empregamos, em vista disso, a ecosofia de Guatarri (2012, p. 8), que parte dos três registros ecológicos, “o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana”. Esta articulação guattariana se relaciona intimamente com o ecofeminismo e permite irmos além do registro ambiental quando nos posicionamos ecologicamente. É possível, nesse contexto, destacar a íntima relação entre erotismo e ecologia; tais temas são fundidos e trazidos à tona na poesia de autoria feminina, até pelo fato de Eros estar ligado à natureza.

## **Erotismo e literatura**

O termo Erotismo origina-se do radical *Eros*, o deus da paixão, do amor na Mitologia Grega, que tinha a missão de unir as pessoas com suas flechas mágicas. A representação de *Eros* passou por um longo caminho até se tornar o “Erotismo” como conhecemos atualmente; a depender do lugar e do tempo, a ideia, o conceito e as simbologias que giram em torno do termo foram omitidos ou repreendidos, mas nunca ausentes na sociedade, mesmo quando considerado tabu.

Para Castello Branco (1984, p.07), delinear um conceito para o termo “erotismo”, racionalmente, seria andar na contramão do desejo, do impulso erótico “que percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos”. Ou seja, trata-se de uma concepção subjetiva que pode ganhar novas significações a qualquer hora.

Por sua vez, Freud compreendeu o impulso erótico como desejo de união (ser um) com os objetos do mundo, e, nesse sentido, envolve também a relação sexual, pois é quando, literalmente, um entra no espaço do outro, na sua totalidade mesmo o erotismo não se limitando a isso, porque é maior e envolve todas as nossas sensações e autoconhecimento do corpo; e isso, nem sempre, é percebido de maneira simples. (CASTELLO BRANCO, 1984).

Bataille (1987) aponta que “o erotismo em seu conjunto é infração à regra dos interditos: é uma atividade humana. Mas ainda que ele comece onde termina o animal, a animalidade não deixa de ser seu fundamento”. Ou seja, por mais que o erotismo leve o ser humano, consigo e com outrem, a uma forma mais abstrata de relacionamento, seu objetivo é, como nos animais, a consumação sexual, e nisso somos iguais.

Castello Branco (1984, p. 33) acrescenta que “sendo a história do erotismo no Ocidente profundamente marcada pela repressão, e estando a repressão evidentemente aliada à morte, não há como negar que, em muitas culturas, o par Eros-morte funcione muitas vezes como elemento denotador de nossa sexualidade reprimida”. Isso se deve, principalmente, a mentalidade cristã a que fomos expostos. Sexo, morte, e repressão serviram de mote para a colonização, catequização, doutrinação, a eleição das ações que elevam aos céus ou empurram para o inferno, punido os nossos instintos e desejos.

Mas não foi só a “religiosidade” que agiu contra o erotismo. O trabalho também funciona como um mecanismo repressor, uma vez que desvia a energia do corpo – que se torna uma engrenagem –, exercendo controle sobre Eros (CASTELLO BRANCO, 1984, p. 48). A ciência, igualmente, aparece como força controladora do instinto erótico, com o mesmo rigor da religião, do trabalho, e da “moral” da sociedade que ditava o certo e o abominável. Os lares acataram essas ideias, pois a ciência dizia que o “normal” era a relação sexual que visava a procriação, sua forma considerada natural.

Ou seja, as sociedades patriarcais e coloniais criam, sempre, mecanismos opressores que inibem, ou tentam coibir, o erotismo e suas manifestações. As mulheres são as principais vítimas desta repressão, uma vez que são colocadas em “casas de bonecas” e criadas, muitas vezes, conforme o modelo requerido pela ideologia machista. Nesse contexto, as mulheres, quando meninas, são ensinadas sobre o que falar, como sentar-se, o que vestir e, especialmente, sobre o que não sentir e, por conseguinte, declarar e fazer, com vistas a manter a ‘dignidade’ e a ‘elegância’. As mulheres tornam-se propriedades de homens que coisificam suas vidas, vigiam seus corpos, sua sexualidade – dessexualizando-as – e, não obstante, punindo-as.

A literatura, espaço de resistência e de denúncia, se ocupou, sempre, em

representar e discutir sobre as relações sociais e impasses que as movimentam. Sendo assim, a vida das mulheres, seus corpos, suas identidades e aspirações foram tramas para muitos enredos que, por sua vez, serviram de exemplo para o bom comportamento das moças. Isto é, as mulheres, por muito tempo, não foram donas de suas vidas reais e, na ficção, viram personagens pré-moldadas por terceiros, os homens.

A literatura contemporânea tem ofertado um novo e importante viés. Apoiada pelas lutas feministas que abriram espaços para as mulheres, onde elas podem ser vistas, podem dizer e ser ouvidas, muitas puderam se assumir escritoras e renovar o cenário literário. As lutas travadas e vencidas conferiram a algumas mulheres o direito de sair de casa, a de boneca, e ocupar o mercado de trabalho, estudar, votar, escolher parceiros, casar ou não, maternidade, ou seja, as mulheres assumiram o direito sobre os seus corpos e sobre sua sexualidade, pelo menos na teoria – na prática, ainda somos espreitadas e castigadas.

No entanto, os novos e, ainda incipientes, direitos possibilitaram às mulheres serem recriadas de outros modos pela literatura, a começar pela autoria e, depois, pelas tramas. É possível ver, além daquelas mulheres enclausuradas e exaustas, as outras, mais livres e com autonomia sobre os seus corpos. As novas relações artísticas permitem pensar sobre como convivemos em sociedade e como estas relações são desiguais e injustas, em especial, em nosso estudo, no que concerne às mulheres e aos homens, ao feminino e o masculino, este sempre apoiado pelas ideologias patriarcais que regem às sociedades.

Dar atenção à literatura de autoria feminina é decolonizar tais práticas que inviabilizam e invisibilizam mulheres no mundo todo, ressingularizando suas subjetividades, valorizando-as para um possível empoderamento que pode criar comunidades mais solidárias e gerarmos vivências mais saudáveis. A literatura oferece o viés necessário para tais reflexões.

### **A erotização de corpos femininos em *Imaginar o Poetizado***

Concordamos com Ana Mafalda Leite no Prefácio de *Imaginar o poetizado* (2006, p. 7-9), composto por trinta e um poemas, quando diz que esta Coletânea traz a “essência do lirismo, canto, música, e interioridade emocional”,

sustentados pelo mote mais antigo de todos, o amor e/ou a falta dele. Esse sentimento aparece, no *Livro*, carregado de erotismo, quase sempre negado às mulheres. “Nessa perspectiva, os poemas de Sónia Sultuane, além de muito femininos, são também insinuantemente inconformistas, pela sua temática sensorial e seu desnudamento emocional”, numa postura que podemos chamar de neorromântica.

A desmistificação do amor, muitas vezes associado ao feminino passivo, ocorre quando relacionado ao erotismo e à noção corriqueira de união sexual ou amorosa que se efetua entre dois seres, e parece atingir outras esferas, a da origem da vida, da conexão com o cosmos, com as naturezas humana e mais-que-humana que criam a ideia de completude e de totalidade, no que diz respeito ao corpo de mulheres que amam e que desejam, mesmo quando solitárias ou em solitude. Os poemas dessa Obra mostram vozes femininas que têm desejos e autonomia para dizê-los, como vemos em “Beijo Negro” (2006, p. 09):

### Beijo Negro

Beija-me profundamente com o teu gosto,  
dá-me o teu gosto,  
faz-me renascer,  
para que no meu despertar sinta a fresca melodia dos pássaros,  
e a brisa me traga esse incenso místico...terra...  
que os rios e mares quentes,  
me lavem a consciência e me aqueçam a alma,  
o meu dia seja uma caça felina...a minha presa... a vida...  
o mergulhar no entardecer da esperança ardente,  
e esses tambores ao anoitecer, me embalem em sons embriagantes,  
o fogo dos corpos mais forte que as chamas das fogueiras,  
os gestos dos corpos suados,  
uma dança feiticeira de beijo negro,  
a minha entrega inteira,  
beija-me profundamente com esse gosto,  
porque só tu me beijas assim.

Numa atmosfera bastante erótica, de “uma dança feiticeira”, a voz poemática feminina se coloca como uma caçadora que busca outra pessoa que a faz renascer através do beijo, do gosto. Convidando elementos da natureza não-humana, numa perspectiva ecofeminista, a “melodia dos pássaros”, a “brisa”, a “terra”, os “rios”, os “mares”, o “entardecer”, esta mulher cria um lugar muito sensual e quente através de termos que sugerem o ato sexual: “quentes”, “aqueçam”, “fogo”, “fogueira”, “corpos suados” e retoma elementos africanos, com os “tambores do anoitecer” que lembram a musicalidade africana, e as “fogueiras” que representam ancestralidade que remetem tanto a sabedoria dos mais velhos, quanto as contações de história pelas mulheres ao redor da fogueira, o que nos faz entender, não apenas pela autoria, mas pelas metáforas lançadas, que o poema foi escrito em África.

Consideramos que este corpo é “empoderado”, “liberado” e “sedutor” (SILVEIRA, 2020) porque exuberante, expressivo, emancipado, visto levantar-se poeticamente contra o patriarcado que oprime e reprime corpos e prazeres femininos. Embora o poema não traga uma discussão direta sobre identidade, é possível perceber o gênero e a raça do beijo que aparece logo no título, o “beijo negro” de alguém a quem essa mulher se entregará por inteiro.

É preciso lembrar que Sónia Sultuane é uma mulher mestiça e mulçumana e, segundo Freitas (2019, p. 105):

transgredir muitos padrões e interdições que permeiam o seu meio social. Devido às repressões que os corpos femininos sofrem e, em se tratando do corpo feminino negro que ainda recebe um olhar hiperssexualizado, este corpo teve que ser negado e escondido por muitos anos. É só com alguns avanços na luta feminina por igualdade de gênero que as questões ligadas ao corpo e prazer feminino começam a ser (re)pensadas.

Tais questões começam a ser repensadas e ganham espaço para reflexão em obras como a de Sónia Sultuane. É verdade que a mulher tem conquistado a duras penas algum espaço e algum lugar nas sociedades modernas, mesmo ainda sendo, muitas vezes, inferiorizada em relação aos homens, principalmente em sociedades mais tradicionais, como é o caso de Moçambique, tão marcada pelos

valores colonizadores.

Diferente de Paulina Chiziane e de Noémia de Sousa, por exemplo, que escreveram em um contexto assinalado por uma maior inviabilização das mulheres, hiperssexualização e objetificação dos seus corpos, especialmente, das mulheres negras, vemos na Poesia de Sónia Sultuane vozes femininas mais livres para falar de seus amores, de seus desejos, de seus corpos e de seus prazeres, desfazendo a imagem estereotipada criada pelo homem e pelo colonizador e que ainda encontra vez para se perpetuar pelo mundo.

Ler *Imaginar o poetizado* é entender sobre corpos femininos e sobre os muitos desejos que o movem, descobrindo o que, às vezes, nos é estranho, não por desconhecermos as sensações, mas por muito tempo, termos sido impedidas de falar abertamente sobre isso, sobre erotismo, porque as sociedades ensinaram sobre o pecado ou sobre a deselegância que há nisso, omitindo que o erotismo não está apenas ligado ao desejo, ao instinto, ao sexo, mas a vida interior do ser humano e ao conhecimento do próprio corpo, de si.

Em “Nogat” (2006, p. 13):

### Nogat

Nessa noite quente suada de sabor a África,  
corri-te docemente, encontrei em ti o gosto de amendoim,  
adocicado em açúcar,  
“Nogat”  
o sabor de criança inocente à porta da escola,  
lembraste?  
deixavas-me trincar o teu doce,  
e a cada mordidela  
sentia os teus lábios de mansinho,  
como podia esquecerme desse sabor,  
a torrado, de cor de canela,  
cor desses teus lábios adocicados,  
onde hoje trinco e mordo,  
à procura desse néctar,  
com o mesmo gosto a “Nogat”  
da nossa adolescência!. [sic]

A sensualidade se dá no presente e no passado, através de memórias. A voz feminina, “nessa noite quente suada de sabor a África” encontra em seu parceiro o gosto do Nogat “adocicado em açúcar” já provado em suas adolescências. O amor e o prazer mencionados, apesar de trazerem bastante sensualidade, também vêm carregados do “sabor de criança inocente à porta da escola”.

O erotismo é confirmado pelo “gosto de amendoim”, um elemento que, para muitos, aumenta a energia e a potência sexual. A voz poética retoma alguns termos, vistos em “Beijo negro”, ligados ao sexo, como “quente” e “suada” e situa-os em seu espaço de fala, a África, como se as sensações estivessem ligadas diretamente ao Continente. Outro aspecto que merece atenção é a cor evidenciada, “torrado, cor de canela”, como quem associa à cor negra ao doce, às brincadeiras, ao prazer. Trata-se, ao nosso ver, de um corpo “saudosos” e “romântico” (SILVEIRA, 2020) que idealiza e retoma o passado, enquanto se realiza sexualmente, no presente.

O poema “Cravado” (2006, p. 51):

### Cravado

O insaciável, o inimaginável  
e quando corres,  
no mais dentro de mim, profundo de mim,  
quando me violas a mente sem pedir,  
e me dói a alma,  
e tento odiar-te,  
mais te desejo,  
tiro-te do pensamento,  
e voltas, simplesmente estás lá,  
cravado, insaciável, inimaginável.

Não traz a mesma atmosfera de reciprocidade, de entrega mútua, mas apresenta uma mulher “insaciável” que deseja profundamente outra pessoa, mesmo sem querer, “quando me violas a mente sem pedir”. Este alguém está dentro da voz poética, “cravado”, e ela o retoma não pelo amor que sente, mas

pelo desejo que toma o seu corpo “cravado em cada um dos poemas pelo seu sentir e, de cada um deles se evola ou solta um aroma, uma forma de tacto, de paladar, de som, de imagem. Os cinco sentidos são insuficientes para a captação integral do sentir amoroso, corporalmente inebriado” (LEITE, 2006, p. 6). Vemos, ainda, um corpo “controlado” (SILVEIRA, 2020), regido pela dominação masculina, de entrega ao homem amado. Tal representação se dá pela orientação essencialista dos gêneros, alimentada pela ordem patriarcal e machista que sustenta muitas questões moçambicanas. Esta perspectiva parece retomada em “Tive medo” (2006, p. 57):

Tive medo

Quando me tocaste,  
senti medo...  
senti que os teus dedos me acariciavam o corpo,  
mas era a minha alma que tocavas,  
senti que me beijavas,  
sem os meus lábios tocares,  
senti o teu corpo a buscar-me, a pedir-me,  
...imaginei... o gosto do teu corpo...o teu cheiro...  
senti medo...  
ah, se senti!  
senti medo...  
de ti e por mim,  
pois estava completamente assustada,  
neste saber já guardado na alma,  
esta vulnerabilidade! [sic]

Vemos uma mulher que se entrega a um sentimento arrebatador que tomou conta do seu corpo “vulnerável” (SILVEIRA, 2020) e de sua alma, por isso, sente medo. Assustada, esta mulher entregou o seu corpo porque não há algo diferente para fazer. “Tive medo”, como os outros da coletânea, é um hino de amor da carne de corpos femininos que, embora alguns deles sejam vislumbrados

pelo essencialismo, podem dizer dos afetos e de outras sensorialidades das mulheres.

Olhando cuidadosamente para os quatro últimos poemas elencados, vemos um ponto em comum: em todos eles, os corpos femininos inscritos são eróticos. Segundo Xavier (2007, p. 157), o corpo erótico é aquele que “vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”. Consoante a autora, afirmamos, ainda, que a liberação do corpo como origem do prazer representa, também, a liberação sócio-existencial das mulheres em um contexto androcêntrico – como é o moçambicano –, apontando que a liberdade só se conquista se alcançada em todos os planos.

Nesta *Coletânea*, o jogo sinestésico contribui para que a escrita dos corpos e o corpo da escrita sejam profundamente erotizados. A mulher que pode vivenciar o erotismo em toda sua essencialidade e com toda sua potência, bem como tem espaço para dizer sobre isso, seja refletindo sobre a realidade, seja ficcionalmente, colabora para a [re]construção das sociedades, visto que, o autoconhecimento erótico leva a conhecer o outro e o mundo, bem como, o poder de transformá-lo (SOARES, 2005), através de uma profunda consciência ecológica que, no caso de Sónia Sultuane é, também, poética, ainda que a valorização das mulheres se dê pelo viés essencialista que, ao nosso ver, decorre das relações patriarcais, coloniais, machistas e misóginas que atravessam Moçambique e, conseqüentemente, sua subjetividade.

Tendo em vista as possibilidades de reflexões erótica e ecológica encontradas nos poemas destacados, retomamos a *ecosofia* de Guattari para dizer que tal mensagem aponta para outro conceito guattariano, o do “Territórios Existenciais” (2013, p. 38), “sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade”, permitindo repensar, através de um consciência ecológica, as interações entre os ecossistemas, ressingularizando a experiência humana individual e coletiva (GUATTARI, 2013, p. 15).

Uma voz lírica como a de Sónia Sultuane, que poetiza e inscreve corpos, sexualidades, erotismos e prazeres femininos, contribui com a referida singularização e valorização da subjetividade feminina que decoloniza a ideologia

patriarcal; tais possibilidades se encontram e se fortalecem na ideia guattariana porque, segundo Soares (2005), esta ecosofia reflete sobre mulheres e as correntes que a sociedade lhes impõe, isto é, questões ambientais e condição das mulheres são preocupações ecológicas que se relacionam no rasto do equilíbrio global, alterando algumas reproduções tradicionais antiecológicas requeridas pelas sociedades patriarcais, daí adotarmos a crítica ecofeminista.

### **Últimas considerações**

O Ecofeminismo diz respeito à união de duas preocupações importantes e atuais: o feminismo e a ecologia. Interessa-se, pois, em avaliar padrões culturais, simbólicos e psicológicos que levaram o ser humano entender-se como uma parte diferente da natureza, ao mesmo que deseja dominá-la, criando, sustentando e naturalizando relações antiecológicas, dualistas que sobrepõem cultura e homens sobre a natureza e sobre a mulher, respectivamente. Juntos, feminismo e ecologia, refletindo sobre pluriculturalidade e diversidade, pensam e agem pela igualdade de direitos e de oportunidades entre mulheres e homens e em defesa do meio ambiente e de sua preservação. Observar como corpos femininos são inscritos erótica e poeticamente possibilita tais reflexões.

Consideramos que a Poesia de Sónia Sultuane, constituída essencialmente por uma voz lírica, feminina e feminista, ressingulariza poeticamente o universo feminino, aparentemente fundamentada pelos três registros ecológicos guattarianos. À medida que poetiza sobre a condição das mulheres na sociedade moçambicana – o que nos permite pensar sobre sua situação em um contexto mais amplo, a Obra de Sónia Sultuane possibilita uma reflexão sobre as relações humanas já mencionadas.

Notamos, no entanto, que sua Poesia é ainda permeada por um viés, muitas vezes, essencialista. Ao nosso ver, isto é decorrente das relações patriarcais, coloniais, machistas e misóginas que atravessam Moçambique e, conseqüentemente, sua subjetividade. Isto comprova que os sistemas que oprimem as mulheres, sua subjetividade e sua sociabilidade estão, ainda, muito arraigados na sociedade moçambicana e continuam aprisionando mulheres, das mais diversas formas.

A Poesia de Sónia Sultuane, novo expoente para a literatura moçambicana, em especial, aqui, de *Imaginar o poetizado*, não apenas poetiza o imaginado, mas diz sobre corpos femininos que podem sentir e realizar-se através da palavra erotizada quase transformada em carne por seus versos. Vemos, assim, poemas subversivos que protestam, que transgridem, que libertam e são libertários e revelam desejos e sensações afetivos e sexuais, exaltam corpos femininos e suas possibilidades e incitam a livre expressão feminina, algo que lhes foi e, em muitos casos, ainda é negado. O ecofeminismo suscita tais reflexões ao tempo que nos colocamos diante de uma Poesia que defende a liberdade ideológica, ratificando a literatura como um lugar adequado para discutir humanidade e tolerância para com outrem e com as diferenças.

## Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 1.ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.

BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: \_\_\_\_\_;

MUZART, Zahidé. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p.462

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. Brasiliense, 1984.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Sob o comando de uma lua submissa: A poesia moçambicana de Sónia Sultuane. In: BRANDÃO, Izabel; LOURENÇO, Laurenny. **Literatura e Ecologia: trilhando novos caminhos críticos**. Maceió: EDUFAL, 2019. 101-116.

\_\_\_\_\_. FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Moçambique no feminino: As dimensões poéticas do corpo na poesia de Sónia Sultuane. In: **Mulemba**, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/about>>. Acesso em 08/01/2021.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SILVEIRA, Ana Patrícia Frederico. **Ficção curta de autoria feminina paraibana: Análise da casa, do corpo e do patriarcado em Quatro Luas**. 2020. 221f. Tese.

(Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

SOARES, Angélica. **Poesia e Erotismo**: um leitura ecofeminista In: Recorte – Revista eletrônica de Letras. Universidade Vale do Rio Verde, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2141>>. Acesso em 30/06/21.

SULTUANE, Sónia. **Imaginar o poetizado**. Maputo: Ndjira, 2006.

**O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.**